

A Disputa pela Hegemonia Global na era COVID-19: Reafirmação da China?¹

Manuel Guilherme Júnior²

Quando emergiu a COVID-19, com o primeiro caso a ser oficialmente detectado na China³ no último dia do ano de 2019, muito não se imaginava do que estava ainda por vir. Nem na melhor recriação, poderia se perspectivar que mais de 50% da população mundial poderia ficar fechada em quatro paredes por conta deste vírus ou que grandes companhias aéreas mundiais poderiam acumular prejuízos nunca antes imaginados, com a British Airways a despedir cerca de 12 mil trabalhadores, ou ainda, que provocaria grande ruptura das estruturas de contacto entre aliados de longa data, por exemplo, com os líderes europeus a divergirem sobre o plano de recuperação económica para superar a crise provocada pela COVID-19, com Países como Portugal a defender que o plano de recuperação da economia europeia devia ser parte do orçamento europeu, financiado por um empréstimo a contrair pela União Europeia e distribuído pelos Estados membros sob a forma de subvenções e outros divergindo e trazendo assim, más lembranças do desacordo, em Março, entre os países “frugais” e os amigos da coesão e entre os Estados membros do sul e do norte da Europa.

Só quando começou a afectar drasticamente a Europa, como no exemplo anterior, a dimensão deste inimigo invisível começou a revelar-se como nunca antes. Hoje, podemos afirmar sem medo de errar que à par do terrorismo, das mudanças climáticas, a COVID-19 representa um perigo à economia e sociedade globais e os números e os impactos, falam por si. Um dos desafios prementes nesta matéria tem a ver com a necessidade de vencer a politização e a estigmatização da COVID-19 porque o vírus não respeita fronteiras e nem raças. Mais do que isso, o reposicionamento das potências globais face à pandemia e as políticas a adoptar para, não só, responder internamente as questões que a COVID-19 levanta, mas também, reforçar o papel no panorama global das nações, constituem um elemento desestabilizador do equilíbrio outrora conhecido.

É um pouco sobre isto que quero reflectir neste texto, procurando olhar apenas para a perspectiva das soluções que são apresentadas por vários actores globais influentes e as medidas de mitigação que são colocadas à disposição dos Países menos capazes de responder por si este desafio. A razão desta abordagem é que, dos problemas globais causados pela

¹ Este artigo surgiu a propósito da Cimeira Extraordinária China-África realizada no dia 17 de Junho no contexto da solidariedade contra a COVID-19, via video-conferência que incluiu os presidentes rotativos das organizações regionais africanas, o Secretário Geral das Nações Unidas e o Director Geral da Organização Mundial da Saúde.

² Docente Universitário e Investigador.

³ Oficialmente, porque recentemente apareceram teorias diversas sobre a emergência desta pandemia ou pelo menos, suas manifestações em Dezembro noutros lugares como as amostras das águas residuais de Milão e Turim indicaram isso e com alguns cientistas a estudar as tais possibilidades e essa tese de que o vírus já existia ganhando mais força. A ser verdade, muitas teorias sobre a fonte donde emergiu a COVID poderão cair por terra e surpreender o Mundo.

COVID-19, muitas acções têm estado a ser desenvolvidas em vários países ou grupos de países donde emerge a necessidade de compreender melhor o papel da China neste contexto.

Nestes primeiros seis meses da COVID-19 e no contexto da mitigação dos danos de diversa natureza causados por ele, mas com certeza, ainda estão por mensurar as reais consequências e suas dimensões, novos padrões de cooperação e relações inter-Estados e organizações internacionais, com enfoque nos “espaços vazios” e que reclamam preenchimento, por causa dos efeitos da pandemia foram abertos. Espaços estes, que na nossa opinião só serão preenchidos por quem melhor lidar com as consequências globais da pandemia. Significa dizer que, nova estrutura de hegemonia poderá ser redesenhada na era pós-COVID em função das abordagens que estão a ser adoptadas.

Contudo, de uma coisa, quase todos temos a certeza. O mundo nas suas demais vertentes, nunca será igual após a COVID-19, ou seja, a era pós-covid vai exigir novas abordagens e novos paradigmas relacionais, porque basta lembrar que esta é a emergência mais séria da saúde pública global desde o fim da Segunda Guerra Mundial e tendo pegado o mundo de surpresa, daí que nunca poderia deixar de trazer desafios diferentes ao mundo de hoje.

Um dos aspectos de destaque que não foge aos radares desta discussão, é a relação China-EUA, e como estes países estão a lidar com a COVID no plano internacional e sobretudo, com a guerra comercial entre os dois, a deixar de ter muito eco com a emergência da COVID-19.

Muitas transformações foram acontecendo em surdina, por exemplo, as questões dos coletes amarelos na França e dos manifestantes em Hong-Kong deixaram de ser os factos marcantes da política internacional. Na realidade foram reduzidos ao mínimo em função da emergência da COVID-19, até porque um inimigo “superior” emergiu e as causas por que lutavam, ficaram minúsculas. Ou seja, o mundo tinha um rumo próprio e quase linear, mas a COVID-19 mudou completamente a trajectória da linha colocando novos elementos a tomar em conta no futuro. E quais são esses factores?

Primeiro, como é que as organizações internacionais são associadas ou não a um País em função das políticas da época. Sobre isto, os EUA insistiram em criticar a OMS alegando estar a responder aos caprichos de determinados Estados e omitindo voluntariamente dados relevantes sobre a COVID-19, em conluio com esses Estados, nomeadamente a China, esquecendo-se que apoiar a OMS neste momento, é apoiar a cooperação internacional e o contrário, é distanciar-se da solidariedade internacional independentemente das razões que possam justificar.

O facto é que esta é a organização reconhecida pelo mundo para esta missão de combate a COVID-19. Por isso, abandonar a organização, deixando espaço para que a China injectasse financiamentos e assumisse o papel numa das organizações mais relevantes do contexto global só demonstra inexistência de política externa consentânea com os desafios modernos da humanidade por parte dos EUA. A OMS trata de questões da Saúde, o bem maior que um ser humano precisa antes de todas as outras dimensões humanas. Para o efeito, a China tomou acções concretas que reforçam o seu papel nesta luta. Foi assim que anunciou na 73^a

Assembleia Mundial da Saúde as seguintes acções: (i) oferecer em dois anos, 2 bilhões de dólares americanos para apoiar na resposta a COVID-19 e o desenvolvimento económico e social dos países afectados, sobretudo os em desenvolvimento, (ii) trabalhar com a ONU para estabelecer na China um armazém *hub* de resposta humanitária global, (iii) estabelecer mecanismos de cooperação para seus hospitais interagirem com 30 hospitais africanos, entre outras acções.

Segundo, a história mostra que as dificuldades são um bom momento para a reafirmação dos Estados. Neste quesito, embora a China apareça no topo da suspeita relativamente à origem da COVID-19, as acções que tem estado a desencadear quase que apagam toda a visão negativista sobre o fenómeno. A China, contrariamente aos outros Estados, aqui de forma particular os EUA, tem estado a tomar a dianteira material e formal no combate ao COVID-19 no mundo⁴. Desde a Europa, passando pela África, tem estado a receber equipamentos produzidos na China para o combate a COVID-19. Aviões de companhias aéreas inicialmente de transporte de passageiros tem estado a ser transformados em cargueiros e a escalar a China para buscar equipamento necessário para o combate.

Terceiro, os Países em condições financeiras menos favoráveis olham para a solidariedade global como a saída para este problema. Aliás, o próprio Secretário Geral das Nações Unidas fez esta referência sobre a necessidade de reforço da solidariedade internacional para o combate ao COVID-19, numa espécie de alerta de que em “tempos de COVID, todos somos indispensáveis e não há isolamento que vença”. A China foi tomando algumas acções concretas a destacar: o perdão a dívida de vários Países africanos contraídos na forma de empréstimos governamentais sem juros que vençam antes do final de 2020, o encorajamento às instituições financeiras chinesas a terem iniciativas de suspensão dos serviços da dívida (DSSI) do G20 como referência e outros apoios aos Países africanos mais afectados pela COVID-19.

Disto resulta que, a África em geral, se num passado recente estava numa relação de ‘namoro’ quase solidificada com a China, hoje parece mais certo que o casamento, com todas as nuances que podem emergir, está prestes a acontecer e com razão⁵. Um casamento possível pelo facto de a China ter sido o primeiro País a dar assistência aos países africanos quando emergiu a COVID-19 e continua nesse esforço.

Importa lembrar que na semana passada, realizou-se a Cimeira Extraordinária China-África no contexto da solidariedade contra a COVID-19, via video-conferência e contou com a participação do Presidente da África do Sul na qualidade de Presidente em exercício da UA,

⁴ A China não só se reposiciona relativamente ao combate a COVID, como também, no seu arsenal nuclear. Em 2019, contrariamente aos EUA e Rússia que reduziram o investimento no seu arsenal nuclear, a China aumentou o investimento nesta matéria. No contexto da economia, a UE foi obrigada recentemente a tomar medidas para conter o expansionismo da China através de investimento e aquisição de empresas europeias, mas num encontro recente entre o Presidente Xi e o Presidente do Conselho Europeu, Charles Michel e a Presidente da Comissão Europeia, Úrsula Von der Leyen, ficou a possibilidade de uma relação mais estável e de maturidade na era pós-covid-19.

⁵ A quase inexistência de política externa clara para África no consulado de Trump condicionou grandemente as opções políticas face à realidade e que foi mais visível com a emergência da COVID-19.

do Presidente do Senegal que tem a Co-Presidência do FOCAC e incluiu os presidentes rotativos das organizações regionais africanas, o Secretário-geral das Nações Unidas e o Director Geral da Organização Mundial da Saúde. Entre outras coisas, na Cimeira ficou o compromisso de que a China enviaria médicos especialistas chineses para os países africanos, iria auxiliar a aquisição de materiais de biosegurança na China, iria iniciar este ano a construção da sede do Centro Africano de Controlo e Prevenção de Doenças (CDC) e mais importante ainda, que logo que a vacina chinesa contra o COVID-19 estivesse pronta, a África seria a prioridade.

Este é um corredor diplomático imenso para os objectivos comuns. Desde logo, apesar de que cada Estado depois continuará com as negociações bilaterais, o facto é que o compromisso conjunto já foi lançado no sentido de maior aliança conjunta no combate a COVID⁶. Esta Cimeira Extraordinária foi precedida pela participação activa da China na 73a Assembleia Mundial da saúde que teve lugar em Maio último. Mais uma vez, a China assumiu um protagonismo, se calhar nunca visto em Assembleias anteriores, focalizando a sua intervenção na necessidade de vencer a COVID-19 com solidariedade e cooperação e construção de uma comunidade global de saúde para todos.

Por fim, já numa perspectiva bilateral e saindo da promessa para acções, Moçambique, de forma particular até este momento, recebeu próximo de 1.5 milhões de máscaras, perto de 40 mil kits de testes, 10 ventiladores, cerca de 33 mil quites de roupa de protecção, para além do apoio específico às Forças de Defesa e Segurança nacional através da sua congénere chinesa em cerca de 13 mil toneladas de materiais médicos diversos. Parece dos apoios mais significativos que o país recebeu em espécie para o combate à COVID-19 desde que emergiu.

Estes dados, começam a colocar dúvidas sobre o papel de outras potências globais no contexto de desafios globais específicos como este. Talvez porque, os EUA, para além da sua política externa, quase inexistente no mandato de Donald Trump, e por coincidir com o período eleitoral, esteja muito aquém do que o mundo esperaria de uma potência como os EUA, embora todos os dias apareçam sinais de estar a investir fortemente na descoberta da vacina, coisa que outros Países também estão a fazer.

De tudo isto, uma coisa me parece certa. A China com todos estes eventos e acções não será nunca a mesma nos olhos de muitos povos após a COVID-19. Se havia um receio relativamente à emergência desta pandemia na China, hoje já não se receia que a China esteja a dar todo apoio aos mais necessitados e como diz o adágio popular “a bondade supera a maldade”, mesmo que esta demore a chegar.

Uma nota final, só mesmo para constar. A China tem apostado noutras dimensões de relevância global, por isso, o Secretário-Geral da NATO, a propósito da ameaça dos EUA em reduzir o

⁶ Tudo isto ignora a iniciativa *One Belt One Road* que já foi lançada há anos e que boa parte dos Países africanos tem nas suas instituições de Ensino Superior o Instituto Confúcio que todos anos reúne seus altos dignatários numa cidade chinesa para alinhar as estratégias de funcionamento.

apoio à NATO, disse que o Ocidente não pode ignorar a ascensão da China em todas as suas dimensões.

A China tem sido um parceiro global com resultados visíveis, goste-se ou não, para resolver problemas globais modernos como a COVID-19. Mesmo para terminar, neste aspecto, vale a pena citar que no discurso do Presidente chinês na Cimeira Extraordinária da semana passada, disse “...*tudo será feito de maneira que se respeite a vontade dos africanos e o que importa a longo prazo, é promover o desenvolvimento sustentável da África*”. Por isso, vale dizer que a China está a fazer o seu caminho para a afirmação como a potência internacional.